

O mito do trabalho doméstico

Por que as mulheres ainda são as principais responsáveis pelo cuidado da casa?

Tamy da Silva Dassoler

E domingo e a família se reúne para almoçar. Enquanto os homens ficam em volta da churrasqueira, conversando e bebendo uma cerveja, as mulheres estão na cozinha preparando o almoço. As crianças correm do lado de fora da casa. Ao grito de “está pronto”, o grupo se junta à mesa. Conversa vai, conversa vem. Depois de todos bem alimentados, as mulheres recolhem os pratos e vão para a cozinha lavar a louça suja.

Essa cena poderia ser na minha casa, na sua ou de qualquer brasileiro que tenha uma família que costuma se reunir. O fato é que é algo tão comum e rotineiro que ninguém se pergunta o que está errado nessa situação. Por que as mulheres são as únicas lavando a louça?

Isso vem de uma cultura em que o trabalho é dividido por gênero. Às mulheres, cabia o trabalho interno, como cuidado da casa e dos filhos, e os homens eram responsáveis pelo trabalho externo. “A gente tem um histórico de divisão sexual do trabalho. O papel das mulheres na sociedade era visto como o de cuidadoras e dos homens de provedores. Essa divisão sexual está muito arraigada, está muito entranhada na nossa sociedade, na nossa cultura”, explica Natália Fontoura, especialista em políticas públicas e gestão governamental do Instituto de Economia Aplicada (Ipea).

Esse passado tem reflexos ainda hoje: as mulheres dedicam 13,6 horas a mais por semana em trabalhos domésticos do que homens. Enquanto elas gastam 24,4 horas nessas tarefas, eles dedicam somente 10,8 horas — segundo dados de 2015 da pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça do Ipea. São mulheres como a Beatriz*, de 36 anos, mãe de dois filhos e grávida do terceiro. Entre o trabalho como professora e o gerenciamento das finanças da oficina do marido,

ela também é responsável por ser “cozinheira, lavadeira, passadeira, daí é em casa, né”.

O filho mais velho, de 14 anos, recolhe os lixos e arruma o quarto. A filha de oito anos cuida do coelho. “Mas também não é sempre porque, como nós não temos rotina, tem dias que não dá tempo de fazer”. Todo o resto das tarefas ficam com Beatriz: “Cozinho todos os dias. Com a limpeza, eu vou enrolando, varro um pouquinho, porque tem uma moça que vai lá em casa de 15 em 15 dias.”

Enquanto o marido trabalha 12 horas por dia na oficina, ela passa a manhã em casa cuidando dos filhos e do lar. Faz café da manhã, arruma as crianças para a escola e, dependendo do dia, realiza as tarefas que forem necessárias. Às vezes, lava a louça ou a roupa da família ou o banheiro. Depois do almoço, leva os filhos pra escola e, aí, vai trabalhar.

“Eu acredito que merecia ter uma redistribuição de tarefas lá em casa. A gente percebe ainda que a maioria das famílias tem esse perfil de que sempre a mulher acaba se sobrecarregando. E a gente sabe de tudo isso, mas acaba no dia a dia fazendo o que a gente não considera legal, não considera correto”, conta Beatriz.

O gene da limpeza

Nos Estados Unidos, as mulheres começaram a trabalhar fora de casa durante as guerras mundiais, quando muitos homens entraram para as forças armadas e as fábricas estavam com pouca mão de obra. Nessa época, surgiram campanhas estadunidenses que incentivavam a participação feminina nas indústrias, como o slogan “We can do it” (Nós podemos fazer isso). Usado até hoje por vertentes feministas, era originalmente um cartaz da época da Segunda Guerra Mundial que retratava uma mulher

*Nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas

erguendo o braço, em sinal de força. Apesar de este ser o caso de um país específico, trata-se de um marco da entrada das mulheres brancas no mercado de trabalho. As negras, por sua vez, já trabalhavam fora de casa há muito tempo. Na época da escravidão, elas faziam trabalhos forçados, principalmente no campo. Quando houve a abolição, em 1863, elas continuaram em uma situação parecida: exercendo atividades nas áreas rurais de forma precária porque precisavam sustentar suas famílias.

Enquanto as mulheres deixavam as casas para trabalhar fora — embora ainda fossem responsáveis pelas tarefas domésticas —, os homens nunca fizeram o caminho inverso. “Ao longo das últimas décadas, as mulheres começaram a alcançar as escolas, as universidades, foram entrando mais no mercado de trabalho. E elas passaram a ser provedoras também, só que os homens não assumiram o papel de cuidadores”, diz Natália. O resultado disso é a divisão desigual do trabalho doméstico que está presente ainda hoje.

Além da história, outros fatores, como a Biologia, também contribuem para que a sociedade associe o trabalho doméstico a “trabalho de mulher”. A pesquisadora Luciana Barbosa afirma que o fato de os corpos de homens e mulheres serem distintos reforça a ideia de diferença e de que existiriam funções ou espaços que cada um deveria ocupar. Natália complementa que “as mulheres são vistas como naturalmente mais aptas a cuidarem de pessoas doentes, mais aptas a realizarem todos os afazeres domésticos e os homens menos aptos. Como se isso fosse uma questão biológica, natural e genética, quando a gente sabe que não é.”

Ana*, 31 anos, também concorda com esse ponto de vista. Ela trabalha em casa para uma Organização Não Governamental (ONG) e, enquanto fica no computador

realizando as tarefas do emprego, está sempre preocupada com a casa. Toma café e lava a louça. Faz o almoço e limpa o fogão. Vê uma poeira no chão e varre. Parece natural pra ela. “Mas não é. As mulheres não nasceram com um cromossomo que faz com que sejam mais jeitosas, tenham mais cuidado ou se preocupem mais. Isso é uma coisa que nos foi ensinada e nós aprendemos. E se a gente não gosta ou quer romper com isso, tem muita dificuldade.”

“As mulheres não nasceram com um cromossomo que faz com que sejam mais jeitosas”

Apesar de não existirem fatores genéticos que justifiquem que as mulheres façam a maior parte do trabalho doméstico, características como organização, limpeza e cuidado ainda são muito associadas à figura feminina. “Uma mulher não pode morar numa casa bagunçada. Agora, homem morar numa casa bagunçada não tem problema nenhum. Aparece o tempo inteiro em série, em filme”, observa Ana.

Lívia*, 41 anos, trabalha sete horas por dia e, no restante do tempo, realiza as tarefas domésticas — exceto cozinhar, que é responsabilidade do marido —, além de levar as filhas para escola e atividades extraclasses. “Eu começo às sete da manhã e só paro às onze da noite.”

“Se meu marido está sentado e eu tô fazendo alguma coisa, eu acho normal. Agora, se eu estou sentada e ele tá fazendo, eu me sinto culpada. E isso não é que ele me diz. É que eu sinto assim. Eu acho que é por causa da sociedade que eu me sinto assim, sabe? Por exemplo, ontem ele estava cansado

porque anda trabalhando bastante. Era quase dez horas e foi deitar. Mas eu não vou. Se eu vou deitar, eu me sinto culpada.”

Gabriela*, de 36 anos, também tem problemas com a autocobrança. Ela gosta de fazer as tarefas domésticas. Coloca uma música, limpa o banheiro. Dá até uma sensação boa. Mas não gosta da obrigação de fazer isso todos os dias. “Eu fico me cobrando. Como meu banheiro tá assim? Como essa pia tá desse tamanho?”

A ideia de que os trabalhos domésticos são uma obrigação feminina é tão aceita pela sociedade que, quando os homens participam destas tarefas, são elogiados por “ajudar em casa”. “Tu não me ajuda. É nosso. Tu não tem que me ajudar. Se eu aceitar que tá me ajudando, eu tô aceitando que a responsabilidade é minha”, fala Lívia.

O trabalho invisível

Ana costumava chegar em casa e encontrar sempre a mesma situação: uma pia com panelas, pratos e talheres sujos. Na época, ela estava casada e trabalhava fora durante o dia. Portanto, não tinha como ter usado toda aquela louça. A bagunça era do marido, que cozinhava o próprio almoço todos os dias.

Acostumada a limpar tudo, Ana decidiu fazer um teste. Durante uma semana, só lavou a louça que usava. Sempre as mesmas: uma caneca de café, uma frigideira e um prato. No final do período, o resultado não a surpreendeu. A louça suja estava acumulada na pia. Irritada, esperou que o marido percebesse qual era o problema. Depois de um tempo, veio a pergunta: “É a louça?”

A reação de Ana foi conversar com ele e explicar: “Eu não serei uma mulher que termina um turno de trabalho, chega em casa e

começa outro. Isso está me deixando frustrada e irritada. A casa é de nós dois.”

O marido de Ana parecia não perceber que ela lavava a louça todos os dias. Talvez só notasse quando não tivesse mais um prato limpo para usar. O que pode aparentar ser um caso isolado, na verdade, é um problema diário de muitas mulheres brasileiras: o trabalho doméstico que elas desempenham não é valorizado por seus companheiros e filhos.

“Eu sempre digo que o trabalho da dona de casa é um incrível trabalho invisível porque se ele é feito, ninguém percebe. Ninguém aplaude. Ninguém parabeniza. Mas experimenta não fazer... Se tu não é a dona da casa, tu não sabe o que é o trabalho da dona da casa. Tu não percebe”, comenta Ana.

Foi o que aconteceu na casa dos pais dela. Há três anos, a mãe — que desempenha a maior parte das funções domésticas — ficou doente. Então, o pai e as irmãs de Ana tiveram que assumir essas tarefas. “Só então se deram conta do trabalho que a minha mãe passa, do que envolve tu manter a casa daquele jeito.”

No caso de Beatriz, a situação não é muito diferente. “Acho que não tem esse reconhecimento, não tem nem consideração. Ninguém pensa ‘ah, mas a mãe já lavou tudo, então vou organizar isso aqui’”.

Às vezes, o marido chega em casa e pergunta: “Tava em casa o dia inteiro? O que tu fizesse?”. Não nota que a roupa estava lavada e guardada, a cama arrumada e a comida pronta. “Eu percebo isso na casa dos meus pais, na casa das minha tias. Não tem reconhecimento. Todo mundo acha que é fácil ficar em casa. Pra mim, é o pior dos trabalhos porque não tem esse reconhecimento, tu não é remunerada e, se tu faz, ninguém tá nem aí. Se tu não faz é que começam ‘poxa, não tem uma meia limpa para usar’”.

“Eu sempre falo pro meu marido: ele não

enxerga tudo o que eu faço”, conta Gabriela. O esposo diz que a preocupação dela com as funções domésticas, como lavar a louça, é exagerada. “Deixa aí que depois eu faço”. Passa o dia e nada. No dia seguinte, nada. E a resposta padrão é: “Você se estressa demais, não se preocupa”. “Por causa desse tipo de comentário, eu acho que ele não reconhece a importância do serviço doméstico”, constata Gabriela.

“Eu acho que não tem reconhecimento, não tem nem consideração”

Para Livia, o reconhecimento é diferente quando quem realiza uma tarefa doméstica é um homem. Por exemplo, quando o sogro prepara a receita dele de macarrão nas festas de família, as pessoas tratam como um acontecimento especial. Já as comidas feitas cotidianamente pela sogra são vistas como algo banal. “Parece que o homem tem que ser reconhecido pelo que faz. Eu sinto que, se o marido faz, é como se eu tivesse que colocar num altar.”

Segundo a mestre em Serviço Social, Luciana Barbosa, as funções domésticas são um trabalho reprodutivo e, portanto, não remunerado. Isso faz com que elas não sejam tão valorizadas quanto os trabalhos produtivos, que geram renda. Apesar disso, o serviço doméstico é importante para a sociedade, como afirma a especialista de gênero da ONG Plan International Brasil, Viviana Santiago. “Ele é responsável pela manutenção e reprodução da força de trabalho, ou seja, o que faz com que a gente exista e viva.”

A própria Organização das Nações Unidas (ONU) incluiu o trabalho doméstico en-

tre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Essa iniciativa foi acordada em 2015 pelos 193 países-membros da ONU e instituiu 17 objetivos para melhorar o mundo. O quinto deles prevê “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”.

E, para haver igualdade entre os sexos, é preciso que o serviço doméstico não seja mais considerado sinônimo de “trabalho de mulher”. Por isso, a quarta meta desse objetivo diz que devemos “reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais”.

É esse trabalho doméstico não remunerado que Jéssica* realiza no dia a dia. A dona de casa de 22 anos cuida do lar e do filho de dois anos e meio, enquanto o marido tem um emprego. Ela se sente reconhecida pelo serviços domésticos que faz, como limpar o banheiro, varrer o chão e lavar as roupas. Mas, mesmo Jéssica realizando atividades o dia todo — cuidando do filho, organizando a casa e estudando para um concurso de design de interiores —, muitos poderiam dizer que ela não trabalha porque, no início do mês, nenhum salário cai na sua conta.

Até mesmo o IBGE adota essa lógica, já que classifica os afazeres domésticos como “exercício, no domicílio de residência, de tarefas que não se enquadram no conceito de trabalho, tais como: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução

das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; ou limpar o quintal ou terreno que circunda a residência”.

Natália Fontoura, do Ipea, faz parte da equipe que desenvolveu a pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça e conta que, nesse estudo, o tempo dedicado ao trabalho remunerado é somado aos afazeres domésticos como “um exercício de defesa da ideia de que essas atividades, realizadas majoritariamente por mulheres, constituem trabalho. É um posicionamento político mesmo. Porque é um trabalho que, sem ele, a sociedade não sobreviveria, não produziria. Se não tem alguém que cozinhe, que limpe a casa, que cuide das crianças, as pessoas não podem ir trabalhar”.

Enquanto essas atividades são desenvolvidas por 89,9% das mulheres acima de 16 anos, somente 52,6% dos homens fazem algum tipo de trabalho doméstico. Mas não é possível saber quais tarefas cada sexo geralmente desempenha porque ainda não existem pesquisas do IBGE sobre o uso do tempo. “Nos países que realizam esse tipo de estudo, em geral, os dados indicam que os homens fazem atividades mais esporádicas, pontuais e externas, como pequenos consertos, cuidados da parte de fora da casa, do jardim, do carro. E as mulheres, normalmente, se responsabilizam pelas atividades mais cotidianas, rotineiras e internas: cozinhar, limpar, lavar roupa, lavar louça”, observa Natália.

A quantidade de horas que elas dedicam ao longo da semana aos afazeres domésticos vem diminuindo. Em 2001, primeiro ano avaliado pela pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, elas gastavam 30,9 horas. Já os números mais recentes, de 2015, mostram 24,4 horas. Isso poderia ser um indício de que as tarefas estão sendo compartilhadas entre homens e mulheres dentro do lar. Mas não é o caso: o número de horas que

os homens dedicam ao trabalho doméstico também caiu. Em 2001, eram 11,2 horas e, em 2015, 10,8 horas. Natália esclarece que a diminuição do tempo gasto pelas mulheres, “em geral, é atribuída à ampliação do acesso a eletrodomésticos que reduzem as horas dedicadas aos afazeres domésticos. Nesse período em que cai o tempo dedicado aos trabalhos domésticos, aumenta o acesso à máquina de lavar roupa, por exemplo”.

Eu não sou sua mãe

Jéssica acorda às sete e meia da manhã, toma café e faz a mamadeira pro seu bebê. Em seguida, troca a fralda e as roupas do filho para levá-lo à creche, que é logo em frente a sua casa. No horário do almoço, ela busca a criança e os dois vão brincar no parque do condomínio. Quando o pequeno já está cansado, voltam para o apartamento e ele dorme até umas três da tarde. Nesse intervalo, Jéssica fica ocupada com as tarefas domésticas ou com os estudos.

Para ela, a rotina é tranquila, diferente de quando cursava a faculdade. “Naquela época, meu filho não estava na creche ainda. Então, eu tinha que ficar com ele de manhã e à tarde. Também precisava realizar os serviços domésticos, fazer trabalhos e estudar pras provas. E, à noite, eu ia pra faculdade. Eu chegava bem cansada.”

Essa situação de as mães serem as principais responsáveis pelos filhos é algo comum na realidade brasileira. A pesquisa Por Ser Menina no Brasil, desenvolvida pela ONG Plan International Brasil, mostrou que, na maioria dos casos, elas são as cuidadoras de meninas. No dia a dia, 76,3% das garotas ficam com as mães, enquanto somente 26,8% estão sob responsabilidade dos pais. Essa diferença confirma que “o cuidar ainda é per-

cebido e naturalizado como algo exclusivo do âmbito feminino”, segundo o estudo.

Para Viviana Santiago, especialista em gênero da ONG, isso “está muito vinculado ao processo de biologização da natureza das mulheres. Por terem útero, elas são vistas como pessoas com vocação para maternidade e para o cuidado. É como se fosse um processo inato da vida de todas as mulheres, tendo elas gerado ou não”.

Mas a presença feminina no cuidado das crianças não se restringe às mães. A pesquisa também mostra que as avós são responsáveis pelas netas com mais frequência do que os avôs — 15,6% contra 7%. O mesmo acontece com as irmãs, que tomam conta de 6,6% das meninas, enquanto os irmãos assumem essa tarefa em 4% dos casos.

Os filhos de Bianca*, por exemplo, ficam sob os cuidados da avó durante o dia, enquanto os pais trabalham. A adolescente de 16 anos e o menino de sete anos moram próximo da avó e, por isso, é ela que leva os netos para cursos, aulas de futsal ou de natação. “Eu trabalho fora porque tenho minha mãe para me ajudar a cuidar dos meus filhos. Porque senão, se eu tivesse que deixar o dia todo numa creche ou pagar alguém, não seria viável”, diz Bianca.

Já Manuela*, de 42 anos, escolheu trabalhar somente um turno como dentista para poder ficar com os filhos de cinco, nove e 18 anos. “Pra mim, eles são uma prioridade. Se não, eles vão crescer e aí, quando eu ver, só fiquei trabalhando e não cuidei deles”. Ela contratou uma empregada doméstica para fazer os serviços da casa durante a semana. Enquanto isso, Manuela fica responsável por preparar as refeições para a família e tomar conta das crianças. Trabalha geralmente de manhã no consultório e, à tarde, costuma levar os pequenos para brincar no jardim ou andar de bicicleta. “Eu que administro tudo:

crianças, casa, mercado”, fala Manuela, já que o marido fica no emprego durante o dia.

Para Gabriela, que trabalha sete horas em uma empresa, é cansativo conciliar o emprego, os cuidados com as crianças e as tarefas domésticas. “Para o filho, você quer dar atenção. Mas com as tarefas domésticas você acaba tendo menos tempo para ficar com a criança, pra sentar e jogar um jogo com ela.”

A tarefa de cuidar do menino de quatro anos é dividida com o marido. Eles se revezam para dar banho no filho e levá-lo para a escola, principalmente agora que o esposo não está trabalhando e passou a realizar mais funções domésticas. Mas a mãe acaba assumindo a responsabilidade de determinadas tarefas, como fazer o menino dormir. “Isso, às vezes, me cansa. Quando a criança tá meio acelerada, não quer dormir, aí sempre sobra pra mim.”

No dia a dia, 76,3% das garotas ficam com as mães, enquanto somente 26,8% delas estão sob responsabilidade dos pais

Além de a mãe ser a principal responsável pelos filhos na nossa cultura, a figura materna também é associada à manutenção do lar — muito mais do que a figura paterna. A mãe é vista como aquela pessoa que cuida, independente de ser da casa, da família ou dos filhos.

Lívia percebeu isso quando discutiu com sua filha. A adolescente de 14 anos falou um palavrão e, como castigo, teve que escolher entre estudar Matemática durante todo o fim de semana ou limpar os dois banheiros. Pre-

feriu os estudos porque “não era empregada”.

— E eu sou empregada? — perguntou Livia, que geralmente faz as tarefas domésticas da casa.

— Ah, tu é mãe.

— E é a mesma coisa?

— É, mais ou menos.

A associação das mães com o serviço doméstico se reflete também na vida adulta. A situação é clássica: um casal discutindo porque a mulher está realizando as tarefas do lar enquanto o homem não. De repente, ela solta que não deveria fazer tudo sozinha porque “eu não sou sua mãe”.

A mesma ideia permeia a letra da música *Ain't your mama*, de Jennifer Lopez: “Eu não vou ficar cozinhando o dia todo / Não sou sua mãe / Não vou ficar lavando suas roupas / Não sou sua mãe / Não sou sua mãe / Garoto, eu não sou sua mãe”. A música, que teve bastante sucesso quando foi lançada em 2016, até é bem intencionada na perspectiva de apoiar uma divisão justa do trabalho doméstico. No entanto, levanta a questão de que, muitas vezes, essas funções são vistas como obrigação da mãe. “Ninguém diz assim: ‘eu não sou seu pai’. Já se coloca nas costas da mãe porque a gente cresce vendo a mãe assumindo essas tarefas domésticas majoritariamente”, comenta Ana.

Brincando de casinha

Na casa de João e Maria, não havia mais o que comer. Já que os pais não tinham como saciar a fome das crianças, decidiram abandoná-las na floresta. É lá que elas encontraram uma bela casa feita de pão e resolveram entrar, sem saber que, na verdade, era a moradia de uma bruxa. A mulher trancou João e passou a alimentá-lo para

comê-lo quando estivesse mais gordo. Já Maria foi forçada a ser a empregada doméstica da bruxa.

Esse é um trecho da história original de João e Maria (ou Hansel e Gretel, em Alemão), escrita pelos irmãos Grimm em 1812 com base em contos orais da época. Não é por acaso que, enquanto o menino ficava trancado para futuramente servir de alimento, a garota tinha que desempenhar as funções domésticas da casa. O serviço do lar é associado ao sexo feminino desde a infância, seja em contos infantis ou na realidade.

“A gente continua percebendo o trabalho doméstico como trabalho de mulher. E como as meninas são as mulheres no começo da vida, elas vão receber todas as expectativas, todas as demandas sociais que se têm para as mulheres”, afirma Viviana Santiago da Plan International Brasil.

Ana foi criada com três irmãs e um irmão e, durante a infância e adolescência, se deparou com situações em que somente as meninas eram as responsáveis pelo trabalho doméstico da casa. Nos finais de semana, os pais gostavam de cozinhar. Quando a família terminava o almoço, quem ficava responsável por tirar a mesa, limpar o chão e lavar a louça eram as garotas. Já o irmão tinha como única responsabilidade retirar os lixos da casa. Na época, Ana não percebia a disparidade de tratamento.

Hoje, embora a situação se repita em reuniões de família, Ana tem uma percepção diferente. Quando sua mãe diz para seu pai:

— Senta aí que as gurias vão arrumar a mesa.

Ana sempre responde:

— As gurias e o mano.

Segundo a pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, mais meninas assumem funções dentro do lar do que garotos. Entre dez e 15 anos, 72% delas desempenham

alguma atividade doméstica, enquanto 43,9% deles têm essa responsabilidade. A diferença também existe na faixa etária de cinco a nove anos, em que 23,3% das meninas e 15,9% dos garotos fazem atividades domésticas. “É aquele quadro típico da menina que ajuda a mãe a lavar a louça e o menino está liberado disso. A menina que se vê obrigada a cuidar do irmão mais novo e o menino não. Isso desde muito cedo está na socialização das crianças”, constata Natália Fontoura, uma das responsáveis pela pesquisa.

“Como as meninas são mulheres no começo da vida, elas vão receber todas as demandas sociais que se têm para as mulheres”

Beatriz tem dificuldade em ensinar os trabalhos domésticos para o filho de 14 anos. Na época em que o menino era mais novo, ela trabalhava fora durante o dia. Quando nasceu sua filha e o garoto já tinha oito anos, ela passou a dedicar menos horas ao trabalho e mais aos cuidados das crianças e da casa. Beatriz acha que a dificuldade que ele possui hoje para assumir as responsabilidades domésticas está relacionada ao fato de que ele não foi ensinado desde pequeno. “Eu errei muito porque não ensinei antes. Agora, a gente cobra e é uma briga. A minha filha caçula já tem mais noção das tarefas. Eu espero que, com esse terceiro, eu consiga ensinar”, diz a respeito do filho que irá nascer.

Se Beatriz preparar a criança para realizar tarefas domésticas, estará contribuindo para diminuir uma desigualdade imensa. De acordo com a pesquisa *Por Ser Menina no Brasil*,

enquanto 81,4% das meninas arrumam a sua cama, 76,8% lavam a louça e 65,6% limpam a casa, seus irmãos desempenham as mesmas tarefas em 11,6%, 12,5% e 11,4% dos casos respectivamente. A principal consequência disso: 31,7% das garotas acham que o tempo para brincar é insuficiente. “Essas meninas têm menos espaço dentro da sua dinâmica familiar pra ir pra rua, pra estar nos espaços de socialização”, observa Viviana.

E, por falar em brincar, até as próprias brincadeiras infantis reforçam a ideia dos papéis que homens e mulheres deveriam ocupar na sociedade. Enquanto as meninas ganham bonecas e casinhas — como que numa preparação para a vida doméstica — os garotos recebem bolas e carrinhos. “E não tem problema em ter casinhas, fogão, panelinha, boneca. O problema é quando a gente continua acreditando que esses brinquedos são de menina”, continua Viviana. Assim, ensina-se desde criança que só quem pode cuidar, seja do lar ou dos filhos, são as mulheres. Mas é possível ver avanços nessa mentalidade: 65,5% das garotas não concordam com a ideia de que “meninas só devem brincar de boneca, e meninos, de carrinho”.

Segundo Viviana, é preciso ressignificar as atividades domésticas, fazendo com que meninos e meninas percebam que essas funções são indispensáveis para o cuidado e manutenção da vida e que podem, sim, ser feitas por ambos os sexos. Para isso, a especialista em gênero defende um modelo em que as crianças vão aprendendo aos poucos os serviços domésticos, conforme a faixa etária. Mas essas atividades precisam ser feitas de modo que não privem as crianças de seus direitos, como à educação e ao lazer.

É o que Gabriela tenta fazer com o filho, estimulando-o a participar das tarefas domésticas. “Eu peço para ele me ajudar e, nessa fase, as crianças acham legal. Eu cha-

mo ele pra fazer bolo, eu mostro a comida, o que estou fazendo. Às vezes, ele pede pra lavar a louça, mas ele é muito pequenininho, então não dá. Mas ele fica do lado, põe no escorredor.”

Jéssica também pretende ensinar as tarefas domésticas para o filho que ainda é bebê. “Não tem essa mais de ‘ah, é coisa de menina, é coisa de mulher fazer’”. O garoto, quando vê o pai cozinhando, pega potes da cozinha e quer participar. Quando a mãe está passando aspirador de pó na casa, acontece a mesma coisa. “Ele quer pegar o aspirador e fazer. Então, se ele olha e quer imitar, já é tempo de ensinar o certo”, argumenta Jéssica.

Trabalho dobrado

1 25,2 quilômetros: isso é o quanto Bianca percorre por dia para ir e voltar do emprego. Morando em Tubarão (SC) e trabalhando em Criciúma (SC), ela gasta duas horas no trânsito diariamente. Bianca entra às sete horas na fábrica e sai às 17 horas. Mas, quando chega em casa, seu trabalho ainda não acabou. Ela organiza os uniformes que a família vai usar no dia seguinte, coloca algumas roupas para lavar na máquina, faz comida e ajuda o filho mais novo nos deveres de casa.

As 44 horas do emprego são somadas às 11,5 horas que ela dedica por semana aos afazeres domésticos. O sábado de manhã é o tempo que Bianca tem para fazer os serviços da casa que não conseguiu realizar durante a semana. O restante do dia e o domingo são reservados para os filhos: “Esse momento eu e meu marido precisamos deixar para propiciar pras crianças um pouco mais de proximidade com a gente porque ficamos fora a semana toda. A gente só se vê praticamente de noite”.

As pequenas tarefas cotidianas são divi-

didas entre ela e o marido, como arrumar a mesa para o café da manhã ou lavar a louça. Mas grande parte das funções domésticas ainda é responsabilidade de Bianca. “O maior mesmo fica comigo, colocar uma roupa na máquina, dobra a roupa para guardar, lavar os calçados...”

A rotina corrida é pontuada por uma “preocupação com conciliar o trabalho com estar presente para a família”. E todo esse esforço, para Bianca, tem um objetivo: proporcionar para os filhos uma educação de qualidade. “Se eu quero dar uma boa educação, eu tenho que colocar num colégio bom. Eu quero que eles façam cursos. Pra mim poder fazer isso, eu preciso trabalhar fora. É fácil? Não é.”

As 55,5 horas que Beatriz dedica ao trabalho por semana são próximas da média nacional para mulheres — 53,6 horas de acordo com dados do Ipea. Enquanto isso, os homens trabalham, em média, 46,1 horas. A diferença de mais de sete horas semanais ocorre porque as tarefas domésticas são distribuídas de modo desigual, uma vez que, na ocupação principal, as mulheres gastam menos tempo. Elas trabalham 34,9 horas no emprego fixo e eles 40,8 horas.

“Eu costumo dizer que o fato de as mulheres terem uma jornada remunerada inferior poderia ser até visto como positivo, ou seja, tem mais tempo para fazer outras coisas. Mas, no caso da realidade brasileira, em geral, a jornada inferior de trabalho significa mais precarização. Então, as mulheres têm mais dificuldade de entrar no mercado de trabalho”, afirma Natália Fontoura. Basta observar a taxa de participação no mercado de trabalho: 55,2% das mulheres contra 77,6% dos homens.

A dificuldade de arranjar um emprego, muitas vezes, está ligada às funções domésticas que são destinadas às mulheres. Por exemplo,

algumas não podem trabalhar porque não tem ninguém para tomar conta dos filhos, outras cumprem uma jornada inferior de trabalho para conciliar com os trabalhos domésticos. “Eu vejo no meu ciclo pessoal, a maioria das minhas amigas que trabalha não tem filhos ou, se tem filho, trabalha meio período ou trabalha em casa, mais autônoma”, conta Bianca.

Como as filhas de Livia já são mais velhas — 14 e 21 anos —, ela não precisa dedicar muito tempo ao cuidado das garotas. Mas seu dia é moldado de acordo com os compromissos e atividades delas. Nas terças e quintas, Livia faz uma hora de ginástica pela manhã e depois se dedica aos afazeres domésticos, como lavar roupa. Almoça cedo,

Enquanto as mulheres gastam 53,6h semanais trabalhando, os homens dedicam 46,1h

porque começa a trabalhar ao meio-dia, e só chega em casa às nove da noite, depois de buscar as filhas na aula de teatro e de handebol. No tempo que sobra à noite, faz algumas tarefas domésticas rápidas e depois vai dormir. Nos outros dias da semana, Livia sai mais cedo de casa, perto das nove horas, porque as filhas têm atividades de manhã. Chega antes do meio-dia no trabalho para compensar os dias que trabalha menos, quando tem que buscar a mais nova na aula de costura.

Ela dedica cerca de quatro horas diárias às tarefas domésticas — um pouco de manhã, antes de trabalhar, e o restante à noite. Isso sem contar os finais de semana, quando costuma gastar mais tempo em função da casa, e as horas que passa no trânsito, buscando ou levando as filhas. A sensação que Livia tem é

que nunca consegue parar. “Às vezes, eu me comparo com as outras pessoas que dormem só quatro horas por noite. Então, eu acho que falta tempo pra todo mundo. Se pensar, eu trabalho só sete horas por dia. Tem gente que trabalha bem mais. Mas eu não sei como as pessoas fazem para conciliar.”

Alice*, 38 anos, também trabalha sete horas por dia, além de fazer serviços domésticos em sua casa. O marido cozinha, recolhe os lixos e ajuda no dever de casa do filho. O restante das tarefas fica sob responsabilidade dela. Alice costumava limpar a casa para “ficar que nem a Casa Cláudia porque eu gosto da casa arrumada, limpa, me dá um contentamento”. Na época, ela era professora e passava parte das suas horas de trabalho em casa, corrigindo provas e preparando aulas. “Eu varria quintal, fazia todas essas coisas. Eu fazia e eu realmente achava que eu tava bem sobrecarregada.”

Agora que trabalha em uma empresa e passa mais horas ao emprego, ela tem menos tempo para cuidar da casa. Por isso, decidiu não se dedicar tanto à limpeza e contratou uma empregada que faz uma faxina semanal. “Antes, eu olhava pra casa suja e me estressava muito. Agora, eu olho de manhã, arrumo o que dá porque não tenho tempo. Dez e meia, 11 horas já estou saindo de casa e volto tarde. Então, eu vejo a casa bagunçada, mas não me incomoda tanto porque eu não estou ali o tempo inteiro.”

No final de semana, para não cair na “tentação” de limpar a casa e gastar todo o seu tempo livre nisso, Alice adotou uma estratégia. Ela sorteia qual cômodo da casa vai limpar no sábado e domingo. “E eu não vou limpar os outros. Eu limpo e arrumo o que sorteei, mas também fica nos trinques porque eu sou bem meticulosa.”

Beatriz, Livia e Alice convivem com uma dupla jornada de trabalho, tendo um empre-

go fixo e sendo responsáveis pelos serviços domésticos. “Isso é um peso muito grande pras mulheres porque não permite que elas desenvolvam outros trabalhos e se dediquem a outros afazeres. Enquanto os homens, demandando menos o tempo deles, conseguem dedicar a maior parte do tempo ao trabalho formal e ter o seu momento de descanso, as mulheres não”, explica Juliana Maia da ONU Mulheres.

O tempo como artigo de luxo

O serviço doméstico é o trabalho mais cansativo para Beatriz. Ela considera o emprego como professora tranquilo, desde que organize as aulas. A contabilidade da oficina do marido também é algo que ela adora fazer e não acha puxado. “Eu canso muito mais das tarefas domésticas do que das tarefas do trabalho. Eu preferia trabalhar o dia inteiro fora e ter alguém na minha casa, fazendo o que tenho que fazer por obrigação. Só que não dá porque eu tenho filhos pequenos.”

Beatriz se sente sobrecarregada com o trabalho doméstico, já que realiza a maior parte das tarefas sozinha. “Eu acabei acostumando todos dessa forma, fazendo por todo mundo sempre. E agora é mais difícil, depois de tu estar há anos acostumando nesse ritmo, conseguir retroceder.”

Na tentativa de dividir melhor as tarefas, ela fez uma lista com as funções de cada um, mas a ideia não deu muito certo. Como Beatriz não tinha tempo de cobrar que a família seguisse a lista, ninguém obedecia à distribuição. “Eu já cheguei a pensar em fazer greve. Não vou fazer mais nada em casa pra ver o que dá. Mas aí também eu não consigo. Ima-

gina, vou deixar as crianças sem comida!”

Segundo ela, o ideal não seria ter uma divisão dos afazeres, mas sim uma consciência coletiva. Cada um deveria perceber se a louça está suja ou as roupas precisam ser lavadas e tomar a iniciativa de fazer a tarefa, sem precisar que Beatriz ficasse cobrando. “Mas não acontece. Não adianta. Não evolui para essa etapa lá em casa.”

Apesar da falta de distribuição das atividades e da rotina corrida, ela não desistiria do emprego e nem das tarefas relacionadas à família, como cozinhar e ficar com as crianças. “Eu abriria mão de cuidar de roupa: recolher, dobrar, guardar e passar. Abriria mão de limpar banheiro, limpar casa, limpar vidro. Tudo isso eu abro mão.”

Em meio a rotina, o tempo destinado ao lazer acaba sendo no fim de semana, quando a família viaja de *motor home*. Mesmo durante esse descanso, ela ainda é responsável por cozinhar, arrumar a cama e dar banho na filha mais nova. “Mas é prazeroso. Eu não posso me queixar porque a gente sempre está em algum lugar passeando”, justifica. Na sexta-feira anterior à viagem, Beatriz já começa os preparativos. Faz compras no mercado e organiza tudo no *motor home* para quando o marido sair do trabalho eles pegarem a estrada.

Para Livia, o pior da rotina é estar sempre na correria para conseguir fazer tudo o que precisa. “Eu nunca fui muito estressada com organizar a casa. Mas ter que correr, pensar na comida, pensar no uniforme, pensar nos deveres das filhas, isso estressa também”. Uma vez, ela desabafou para a sogra:

— Eu não quero mais fazer tudo sozinha. Não quero passar minha vida inteira fazendo tudo sozinha.

A resposta que encontrou foi ríspida:

— O marido não gosta quando a gente reclama.

“É um absurdo o que ela disse. Por que eu não posso reclamar se eu não estou me sentindo bem?”, contesta Livia. Ela está casada há 22 anos e costumava achar que ser a única responsável pelas tarefas domésticas era normal. Os questionamentos começaram quando foi fazer pós-doutorado e trabalhar. Nessa época, encontrou, no emprego, homens que compartilhavam as tarefas domésticas com suas companheiras. “Eu comecei a ver que eles também faziam as coisas. Eles também iam buscar os filhos na escola. Também iam levar no médico. E a mulher também tinha a sua vida. Aí, eu comecei a pensar ‘então, tá errado’”.

A mudança de percepção de Livia fez com que discutisse com o marido várias vezes em casa. Por isso, há cinco anos a situação está um pouco diferente. Embora as funções domésticas ainda pesem mais para ela, o esposo começou a participar mais de funções como lavar louça e lavar roupa.

“Não quero fazer tudo sozinha. Não quero passar a vida toda fazendo tudo sozinha”

Hoje, Livia se esforça para que a família perceba que todos devem contribuir. Por exemplo, quando eles se reúnem nos sábados para almoçar, ninguém está com disposição para lavar a louça depois de comer. É claro, estão todos cansados da rotina cansativa que tiveram durante a semana, mas, como diz Livia, “eu também quero sentar. Vocês estão com sono? Eu também estou. Não sou eu que tenho que ficar lavando a louça e secando”.

Luciana Barbosa, mestre em Serviço Social, ressalta que o excesso de serviço doméstico pode gerar problemas de saúde mental

e física. “As mulheres têm que se preocupar com o trabalho de casa, o cuidado das crianças e o trabalho fora de casa. É difícil administrar o tempo para organizar tudo isso.”

A tática de Ana para evitar o estresse causado pela correria do dia a dia é dedicar parte do dia aos passatempos. “Eu sempre tento agendar, no meio dos compromissos, um filme pra ver, ler os meus livros que estão na cabeceira da cama, dar a minha caminhada, correr ou dançar na academia. Pra mim, isso é super importante. Ter tempo de lazer é saúde.”

No caso dela, o serviço doméstico é um prazer. Ana adora fazer faxina na casa e sentir a sensação de ter tudo arrumado. O problema é que, às vezes, ela se sente pressionada para fazer essas tarefas. “Eu queria conseguir me desligar, não me importar se está uma bagunça”, declara.

Gabriela é um exemplo de quem sente que a maior consequência da grande carga de trabalho — somando o doméstico e o emprego formal — é a falta de tempo. Isso acontecia muito quando o filho era menor. Ela estava frequentemente estressada porque não conseguia descansar e praticar atividades de lazer. Como hoje o filho já tem quatro anos, a situação está melhor: Gabriela pode relaxar mais, principalmente nos fins de semana. Às vezes, ainda tem aquela sensação de estar sufocada e precisa parar um pouco. “Eu gostaria de ter mais tempo pra ler, pra estudar, pra fazer outras coisas que eu gosto.”

Juliana Maia, da ONU Mulheres, mostra que ter pouco tempo livre é uma das principais consequências de o trabalho doméstico não ser bem distribuído. Isso se reflete também na esfera pública, já que algumas mulheres, sobrecarregadas com o serviço de casa, não conseguem ter um emprego. Juliana aponta como solução medidas públicas para desonerar o tempo das mulheres e cita como exemplo a criação de creches gratuitas.

“Quando o Estado consegue disponibilizar mais creches públicas, as mulheres conseguem sair para o mercado de trabalho porque têm onde deixar seus filhos.”

Fora do padrão

Na casa de Júlia*, as atividades domésticas não costumavam ser divididas. Quando ela e o marido trabalhavam fora de casa, Júlia era a responsável pela maior parte das tarefas. “Era bem difícil. Tinha que pedir pra ele fazer, tinha que chamar a atenção”. Mas, desde o início do ano, quando nasceu a segunda filha, a situação está diferente. O esposo saiu do emprego e Júlia começou a trabalhar na fabricação de acessórios de cabelo, em casa. O que ela ganhava fazendo laços era o suficiente para sustentar a família. Por isso, o casal decidiu que o marido seria responsável pelas funções domésticas e o cuidado das crianças, enquanto Júlia produzia os acessórios.

Hoje, ele é encarregado de tarefas como limpar a casa, lavar roupa, cozinhar e buscar a filha mais velha na escola. Uma vez por semana, o casal se junta para fazer uma faxina mais pesada. Passam pano no chão, tiram o pó dos móveis e objetos. E não é porque o marido não tem um emprego fixo, que Júlia deixa tudo sob responsabilidade dele. “Na medida do possível, eu tento não sujar. Se eu sujei, eu vou ali e limpo rapidinho pra não ir acumulando tarefas pra ele.”

O emprego de Júlia é baseado em prazos de entrega. Então, às vezes, ela tira folga durante a semana, outros dias precisa ficar acordada até de madrugada para conseguir produzir todos os acessórios. Enquanto está trabalhando, também se ocupa com o cuidado da filha mais nova, que tem cinco meses. Júlia faz intervalos para amamentar a pequena,

dar banho e trocar a fralda. “Essa parte eu me dedico mais, porque eu gosto de passar esse tempo com ela”, explica. Mas, geralmente, Júlia evita fazer os serviços domésticos para focar no emprego. “Meu marido não tem como me ajudar no trabalho. Ele não sabe fazer laço. Então, eu tento botar na minha cabeça ‘ele já limpou, não precisa, deixa que ele faz’”.

Essa divisão, de acordo com Júlia, é boa para os dois. Ela não fica sobrecarregada com o emprego e as tarefas domésticas. Ele gosta de ficar em casa e tem mais tempo livre para outras atividades, como ir para a academia. “Se meu marido estivesse trabalhando fora, eu acharia justo a gente dividir mais as tarefas domésticas pra não sobrecarregar nenhum dos dois. Mas como a gente decidiu que ele não trabalharia, justamente para ajudar nos serviços domésticos, é como se fosse o trabalho dele. Porque, eu não tendo que fazer isso, acabo ganhando mais tempo para produzir.”

A situação é diferente para Amanda* e Pedro*, de 27 e 29 anos respectivamente. Os dois trabalham em uma empresa e, por isso, dividem as tarefas domésticas da casa. “A gente não tem nenhuma regra, tipo eu cuido do lixo, tu cuida da louça. É muito mais de cada um no dia a dia”, fala Amanda. Pedro morava sozinho em Florianópolis e era responsável por todas as tarefas da casa. Quando Amanda chegou na cidade e foi morar com ele, os dois começaram a aprender a dividir as funções.

Amanda, por exemplo, está cozinhando com mais frequência porque se tornou vegetariana e tem interesse em procurar receitas adaptadas à nova dieta. “Mas no fim a gente sempre divide. Chega em casa, tá cheio de louça, mas eu quero cozinhar. Daí ele já vai lavando a louça pra eu poder usar. Dificilmente, alguém faz tudo sozinho.”

Durante a semana, o casal sai às oito e meia de casa e volta às sete da noite. Eles são empregados na mesma empresa, embora não

trabalhem diretamente um com o outro o dia todo. Depois que chegam em casa, “é muito rápido o tempo que passa pra tu comer, tomar um banho. Daí, tu quer assistir uma série, descansar, sabe? E a gente dorme cedo”. Por isso, a maior parte das funções domésticas acaba ficando pro final de semana.

No sábado e domingo, Amanda e Pedro não seguem uma rotina: vão fazendo as tarefas conforme a disposição. “Às vezes, eu acordo super a fim de dar uma ajudada. Às vezes, o Pedro acorda querendo lavar todas as roupas do mundo ou querendo cortar grama. E aí a gente sempre tenta, se um está a fim de fazer, não deixar o outro sozinho”, diz Amanda. Como o fim de semana acaba não sendo o suficiente para realizar todas as tarefas e ainda ter momentos de lazer, eles priorizam os serviços domésticos que são mais necessários. Quando vão receber visitas, fazem uma faxina geral em tudo. Cada um vai limpando um cômodo da casa para gastar menos tempo.

Contabilizando todos os afazeres, são cerca de dez horas por semana dedicadas a funções domésticas, incluindo os cuidados com os três cachorros e o gato. No dia a dia, Pedro é responsável por alimentar os bichos de estimação porque acorda mais cedo. Então, já aproveita e também prepara o café da manhã. Amanda, que acorda depois, faz as marmitas para eles levarem pro trabalho, com a comida que cozinham durante o final de semana.

Os amigos acham natural o modo como o casal divide o serviço doméstico. Muitos, inclusive, adotaram práticas parecidas. Mas quando os dois viajam para a cidade de interior em que nasceram, Montenegro (RS), percebem a diferença de mentalidade. “Detalhes pequenos que as pessoas, às vezes, nem veem. O homem vai chegar, tirar a roupa e deixar lá. Daqui a pouco, ela vai estar limpa em algum lugar. Ele não vai pensar no final de semana ‘tenho que lavar aquela minha roupa pra usar depois’”, conta Amanda.

As mulheres da família, apesar de ainda fazerem a maior parte do trabalho doméstico, também reconhecem que a atitude de Amanda e Pedro está correta. “Se a mãe do Pedro, por exemplo, vê ele fazendo alguma coisa, ela mostra pro pai dele: ‘oh, olha só, o Pedro tá fazendo, por que tu não faz lá em casa?’”

Mas Amanda ressalta que “nada é cem por cento perfeito e nem dividido meio a meio. Tem dias que um faz mais, outro faz menos. Mas, no geral, a gente consegue dividir de uma forma saudável e sem cobrança também”.

Juliana Maia, da ONU Mulheres, afirma que, para ocorrer uma divisão mais justa do trabalho doméstico, é necessário uma mudança estrutural e isso demanda bastante tempo. Mas ela acredita que não podemos ficar esperando essas transformações acontecerem. “Eu acho que é preciso ter ações que eliminem as barreiras culturais que percebem o trabalho doméstico como um trabalho feminino. Ao mesmo tempo, a gente precisa garantir que as pessoas reconheçam que existem essas horas a mais que as mulheres gastam no cuidado do lar.”

Promover uma divisão mais justa é uma forma de garantir qualidade de vida melhor para as mulheres, segundo Luciana Barbosa. “É preciso que os homens reconheçam que esse lugar não é só delas, que elas podem educar os filhos e filhas de uma maneira que eles possam fazer as mesmas tarefas.”

Ana concorda e complementa que “para ser igualitária a relação de manutenção da casa, isso tem que começar antes. O casamento, quando a pessoa vai morar junto, sejam namorados ou marido e esposa, é uma ponta do iceberg. Esse homem precisa ser ensinado desde sempre a assumir as tarefas domésticas da casa tanto quanto a irmã dele”. Até que isso aconteça, o mito de que o serviço doméstico é uma função feminina se perpetua em nossa sociedade, fazendo com que as mulheres assumam mais obrigações e uma carga bem maior de trabalho do que os homens.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso

Reportagem e projeto gráfico:
Tamy da Silva Dassoler

Imagem de capa:
Freepik

Orientação:
Mauro César Silveira

Florianópolis, SC
Novembro de 2017